

# Os Afectos de Henrique Gaspar Uma leitura de «História de Coiote» e *O Grande Voo do Pardal*, de Lídia Jorge<sup>1</sup>

Ana Paula Almeida Garcia\*

## RESUMO

Em «História de Coiote» (2003) e em *O Grande Voo do Pardal* (2007), Lídia Jorge revisita a infância, valorizando a amizade, a liberdade, a aceitação e a tolerância – duas narrativas dirigidas a públicos distintos, unidas pelo protagonista Henrique Gaspar e pela temática dos laços de afectividade que se estabelecem entre o Homem e a Natureza.

## 1. «História de Coiote»

«História de Coiote» é um conto “para adultos”, publicado na revista *Escritor*, na colectânea “Histórias para Ler à Sombra” (antologia de contos de autores portugueses) das Publicações Dom Quixote, em 2003. Inclui uma dedicatória: “Para Henrique Gaspar, onde quer que esteja.”

O título remete a expectativa do leitor para uma narrativa de provável ordem cronológica ou científica – um compêndio sobre um animal selvagem e, eventualmente, perigoso ou agressivo. Contudo, Coiote é o nome de um animal de estimação, dócil como a grande maioria dos cães, assim apelidado por ser “... *um lindo cão, de lindos olhos pardos, entre olheiras russas, no meio do pêlo luzidio e as patorras pesadas, as orelhas grandes e espetadas como de Coiote...*” (p.81). Efectivamente, alguns traços da sua fisionomia justificam a atribuição do nome ainda que, na sua descrição, prevaleçam aspectos significantes como a beleza e o temperamento afável e inofensivo, reforçado até pela comparação dos seus olhos aos de um Koala.

<sup>1</sup> Trabalho inédito realizado no âmbito do seminário de “Literatura Portuguesa” do Mestrado em Línguas, Literatura e Culturas – Estudos Portugueses.

\*Mestranda em Línguas, Literatura e Culturas – Estudos Portugueses (Universidade de Aveiro)

Ora será o desaparecimento (pretendo atropelamento acidental) deste “lindo cão” que desencadeará a intriga. Henrique Gaspar, narrador criança, autodiegético, vive uma infelicidade irreversível graças ao tal atropelamento, durante dois anos. Aquando do acontecimento, comunicou logo a seu pai que nunca mais poderia ser feliz naquele lugar, ideia que reforçou na tarde do dia em que se desenrola a intriga. O pai de Henrique, homem indubitavelmente íntegro e determinado, matutara sobre as palavras do filho e, nessa mesma noite, dá início à sua demanda: desvendar algum mistério subjacente ao acontecimento e descobrir um caminho para a felicidade da criança.

Noite de lua cheia, redonda, incomoda o pai que se decidira a tomar uma atitude e inquieta a criança que, por causa da intensidade do luar ou por causa da consternação que as suas palavras imprimiram no rosto do pai (intensificada sob os efeitos do luar), não consegue adormecer.

A criança é a testemunha (escondida) do esforço – contempla a lâmina da enxada e o efeito do brilho que a lua sobre ela exerce, questiona-se sobre as motivações pelas quais o pai escava o jardim, precisamente junto das roseiras e, como qualquer criança, os seus pensamentos devaneiam. Relembra a promessa de que o pai jamais desistiria de si e imagina que, naquele momento, ele buscasse algo para lhe oferecer, algo que o impedisse de querer partir ou algo que constituísse um arrojado símbolo de despedida. O despertar do imaginário infantil logo transporta Henrique para os tesouros escondidos, mas a sua iminente maturidade contrapõe a possibilidade do nada, porque ele sabe que nem sempre o esforço é compensador. Henrique Gaspar denota um discernimento com alguma maturidade que lhe permite um raciocínio dedutivo, transposto para a personificação de “uma ideia” que “veio ter comigo e falou-me. Instalou-se em frente da minha testa e... tomou-me por completo.” (p.76). Henrique sabe agora, sem a menor dúvida, em que consiste a busca do pai: encontrar Coiote.

Por analepse, são desvendadas ao leitor as circunstâncias que originaram o desaparecimento de Coiote – aparentemente o cão fora atropelado pelos trabalhadores de Francisco Fantasia, o mestre de obras que, nessa época, procedia ao arranjo do espaço do jardim e da piscina. Francisco Fantasia construíra uma explicação plausível para o acontecimento, evidenciando gestos e expressões faciais de extrema consternação e comoção. O apelido manifesta já uma conotação pejorativa, entendida como sinónimo de hipocrisia, de mentira, de falsidade, de dissimulação, de engodo, de um homem sem honra nem palavra que usa a fantasia em seu benefício.

Neste momento e, através do conhecimento dos pensamentos das personagens, o narrador procede a uma pequena dissertação sobre a morte, a forma como é universalmente incompreensível, quer para adultos quer para crianças. O pai conhece a irreversibilidade da morte e, por isso, contém as emoções, sabendo que perante o nada, o vazio da morte, a agressividade física ou verbal são inúteis – nada há a fazer. A criança revela incredulidade e negação, através de sucessivas comparações: *“Parecia mentira. A morte era aquilo. Falar-se de um animal que andava aos saltos, como de uma coisa estendida. Falar-se de um cão com orelhas espetadas, como se nunca mais as mexesse. Referir um cão de pêlo preto semeado de pêlo loiro, como se já não possuísse pêlo, nem lombo, nem cauda. Era aquilo a morte. Horrível, horrível. Debaixo das roseiras. Sem poder fazer nada. Porque não valia a pena fazer nada.”* (pp.78-79)

De regresso ao tempo da narrativa, incluindo a presença explícita do advérbio “agora”, Henrique Gaspar considera o afã do pai inútil pois, em razoabilidade associativa, deseja manter a imagem de Coiote como um ser vivo: *“Ele, saltando quando eu o mandava saltar, e depois apanhando a bola no ar, quando eu a atirava. Ele rebolando-se no chão como se fosse de borracha, lambendo-me todo, com oito meses de idade, em idade de cão, até tinha a minha idade. Ele.”* (p.81). A saber, a idade do cão corresponde à de uma criança com oito ou nove anos que não quer ser confrontada, numa dualidade simultânea de medo e de curiosidade, com os restos mortais que pensa ser o que o pai agora procura.

Decide deixar de ser “testemunha invisível” e, em perfeita cumplicidade, o pai adivinha-lhe os pensamentos. Confirmou que o incidente não tinha passado de um ultraje – Coiote nunca fora ali enterrado. Amanhecia e o pai de Henrique, de integridade inquestionável, torna-se irascível perante a artimanha agora desvendada. É intolerante à mentira. Decide, quando a lua já se punha, ir em busca de satisfações. Subtilmente convida Henrique para o acompanhar, simulando pragmatismo ao referir que assim não necessitaria de fazer desvios para o deixar no local onde, afinal, pudesse ser feliz (simulação de autonomia, liberdade de escolha).

Em busca de Francisco Fantasia, o leitor apercebe-se da má formação desta personagem – pela mentira, tendo-a tornado uma possibilidade verosímil, com direito a um comportamento e a trejeitos de sofrido pesar – e, agora, pela descrição de indícios materiais típicos de um apologista do novo-riquismo: *“...uma casa nos arredores desse povoado, grande como uma fábrica e cheia de materiais e escaiolas, leõezinhos de pedra, um deles vomitando água para dentro dum pequeno lago, com o nome de Vivenda Fantasia...”* (p.84)

A adversidade adensa-se, visto Fantasia passar os fins-de-semana numa quinta, funcionando como adjuvante a personagem da velha que encontram pelo caminho e lhes indica o local onde se situa a quinta. Para ela, como para todos os que o conhecem superficialmente, Fantasia *“era um rapaz muito trabalhador”* (p.85) para ter muitos bens materiais, aspecto valorizado pela maioria das pessoas como grande virtude ou qualidade humana.

A quinta, tal como a vivenda, partilha o apelido “Fantasia” e os mesmos sinais de novo-riquismo: *“Que, verdadeiramente, não era uma quinta. Era uma casa branca e rasa, no meio de uma cerca... leõezinhos e anjos de pedra amontoados, e atrás de tudo isso, uma mesa branca de plástico e um chapéu-de-sol amarelo, sobre os portais.”* (pp.85-86)

Na quinta, há dois tipos de cães (como há diferentes tipos de pessoas): Coiote, em folia, e um outro *“... de dentuça afiada, rosando, saltando, ganindo de raiva no chão”* (p.87). A tensão atinge o clímax neste ponto, em que as palavras de Henrique são inaudíveis para si mesmo e insignificantes, Coiote rende-se à afabilidade do dono e Fantasia socorre-se da espingarda. Este momento apresenta um registo cinematográfico, comum a outras histórias de Lídia Jorge, como estratégia de narração, um *close-up* em *slow-motion*, momento suportado pela “banda sonora” inaudível dos pensamentos do protagonista/narrador: *“A cena não parava. Parecia eterna.”* (p.87). *“Nada importava. A partir do jipe, eu via apenas três coisas – o meu pai curvado, as patas do cão em movimento e, sobre ele, o buraco aterrador da espingarda. Enorme, como um túnel escuro, sem*

luz. *No mundo não havia mais nada.*” (p.88). A hipérbole do *close-up* ilustra o terror de Henrique perante este momento de abismo, de tensão, esta ameaça de catástrofe.

Finalmente, Coiote “salva” a situação quando escolhe dirigir-se para o seu lugar marcado no jipe. Fantasia, o fanfarrão, baixou a espingarda e regressou à sua vida. O pai ainda o insulta de ladrão e os três heróis encetam o caminho de regresso naquilo que Henrique recorda como *“Bela viagem”* (p.89), a viagem da absoluta cumplicidade, da partilha, da entreatajuda, da perseverança, da união de esforços para a resolução de conflitos, da abolição dos motivos que instalaram a infelicidade de ambos, e tudo assume a dimensão de algo que nunca aconteceu.

Coiote lambeu-lhes as mãos, as orelhas, as feridas, metaforizando a ideia de cicatrização, de apaziguamento, de alívio. O regresso adivinha-se feliz por causa da aproximação entre pai e filho que é restabelecida, recuperada a presença de Coiote. Aliás, entre pai e filho, a cumplicidade estreitou-se e, ainda hoje, Henrique, condescendente, deixa o pai contar o episódio daquela noite longa que teve início com o perturbador brilho de uma enxada.

*“O Coiote dorme. (alegoria da tranquilidade, da paz de espírito, da serenidade) Tem o focinho húmido (vida), redondo (perfeição), apoiado na ponta do meu sapato.”* (a felicidade reencontrada: estar juntos). (p.90) – o verdadeiro *happy end*.

E o sofrimento pode tornar-se uma espécie de ficção *“como se eu não tivesse assistido, como se não fosse um dos três, como se não tivesse estado dentro do jipe, como se não tivesse visto o buraco da espingarda, como se eu mesmo não fosse eu.”* (p.89). Ultrapassados os momentos de grande tensão, é como se não tivessem acontecido. O passado não se esquece mas, reencontrada a serenidade, adquire uma dimensão quase fictícia, a memória risível de um pesadelo. A cooperação, a união de esforços é essencial para a realização de sonhos e a concretização de projectos de vida, como o de estar felizes juntos.

## 2. O Grande Voo do Pardal

O conto *O Grande Voo do Pardal* surge, em 2007, com ilustrações de Inês de Oliveira, tendo como destinatário um público infantil, publicado pela Editora Dom Quixote. Henrique Gaspar é o protagonista, um homem de meia-idade que, tal como o seu pai no conto anterior, nutre particular carinho pelo jardim.

Em entrevista ao jornal *Correio da Manhã*, a 28 de Setembro de 2007, Lídia Jorge desvenda a identidade de Henrique Gaspar: *“É baseada na memória que guardo do vizinho mais próximo que tinha em Boliquireme, amigo muito querido que era um irmão para mim e um São Francisco de Assis para os animais: o Henrique Gaspar que já me inspirara ‘História de Coiote’.”*

O espaço onde Henrique Gaspar se movimenta é muito similar ao da sua infância: *“a casa mais linda das redondezas (...) árvores com flores cheirosas, relva lisa como tapete, uma piscina que parecia um espelho.”* (p.7). Tal como o seu pai, Henrique é um trabalhador esforçado e dedicado à manutenção da beleza desse espaço.

Só não gostava de pardais, aliás “detestava-os”, por considerá-los feios, de mau aspecto, inquietos, glutões e atrevidos. Utiliza todas as estratégias ao seu alcance para os enxotar e manter afastados da sua propriedade. Ora, por ironia do destino, numa manhã de domingo primaveril, Henrique encontra um “molho” de “penas enxovalhadas, cinzento encardido”. Gaspar, como todas as pessoas, tem dias em que é menos perfeito, menos dado ao bom-humor ou à paciência ou à boa disposição, e logo engendra um plano para se livrar de tão impertinente intruso, dando-lhe um “piparote”. Porém, pensar e agir são realidades distintas, e Henrique apercebe-se logo que é incapaz de um acto de violência, tanto mais que, ao contrário dos outros pardais, este se manteve imóvel e indefeso. Efectivamente, o pobre pardal só tinha uma pata, o que inverteu os sentimentos de Gaspar (em instantes, o homem passa da aversão à comoção) e o “molho de penas enxovalhadas, de cinzento encardido” transformou-se num *“molhinho de penas a respirar, a respirar”* (p.14): o homem trata dos ferimentos da pequena ave, habitua-se à sua presença e adopta-a. O pardal transformou-se na principal alegria de Henrique que, orgulhosamente, o exhibia perante os amigos partilhando a sua alegria. Da aversão aos pardais, Henrique reforçou a tolerância, ignorando os estragos causados pela coabitação de um pardal com os móveis da casa, incluindo *“os sofás brancos comprados na Divani.”* (p.17)

Henrique sentindo que o seu amigo só poderá ser feliz entre os seus, transforma as suas estratégias de afastamento no oposto, de modo a promover a aproximação do bando (tarefa morosa) e incitando a frágil ave ao voo, à integração. E assim foi. O pardal voou com o seu bando. E voltou, porque a amizade consiste na liberdade: partir e voltar, voltar e partir. *“Os dois são livres e querem estar juntos.”* (p.28)

A narrativa termina com uma pergunta retórica – *“Há lá maior liberdade no Mundo?”* (p.28), implicando directamente o leitor que encontrou previamente a resposta, ao longo do desenrolar da intriga.

*O Grande Voo do Pardal* constitui uma narrativa linear, em sentido cronológico mas passível de interpretação de importantes “lições de vida”, desvendadas pela envolvente coloquialidade do narrador. Exemplo disso é a pergunta retórica final *“Há lá maior liberdade no Mundo?”*, cuja descodificação foi sendo conduzida ao longo da intriga. Outros exemplos significantes revelam a imperfeição do ser humano: *“É preciso dizer que nem sempre Henrique tinha bom génio. Como se sabe, ninguém é perfeito.”* (p.10); a maldade pode ser um desabafo mas nunca intrínseca: *“Porque entre pensar e dar um piparote, vai uma grande diferença, acreditem em mim.”* (p.14); a memória da natureza face aos malefícios ou benefícios causados pela intervenção do ser humano: *“... e os animais, acreditem em mim, contam o bem e o mal uns aos outros, para não se esquecerem.”* (p.21). Refira-se ainda, como mensagem subliminar, que faz parte da essência humana a coexistência de altruísmo e de egoísmo: *“... ao mesmo tempo feliz, ao mesmo tempo angustiado. Tinha-se habituado ao companheiro. Precisava de sentir o seu peso de quase nada.”* (p.26) e que a natureza não pode ou não deve ser domesticada, manipulada: *“Mas as coisas são como são.”* (p.20)

As ilustrações de Inês de Oliveira são expressivas, simples, pormenorizadas e realistas (atente-se nas indeléveis manchas cinzentas nos sofás Divani nas páginas 18 e 19), de cores harmoniosas que iluminam a tranquilidade que circunda o espaço de Henrique Gaspar.

Acompanham efectiva e afectivamente o texto, permitindo a visualização da serenidade do cenário, a fragilidade do Pardal, os gestos de comoção, a ternura e o cuidado de Henrique, a alegria dos seus amigos que partilham o caos da presença de uma ave dentro de casa, a inquietação do protagonista na cama de rede, o esforço de aproximação gradual do bando, o voluntário regresso do Pardal e a liberdade de estar juntos. Se na primeira imagem, não se vislumbra um pardal mas antes um gato potencialmente ameaçador, a última imagem integra um retrato de felicidade: Henrique e o seu amigo juntos na harmoniosa verdura do seu jardim, acompanhados por dois pares de pardais.

As ilustrações recorrem à técnica das artes plásticas na simplicidade da aguarela, mas também se alicerçam nos preceitos da sétima arte, pela apresentação de diferentes perspectivas e de grandes planos.

A imagem, neste conto, integra diferentes funções, desde a contextual (o leitor integra-se na descrição das palavras, o que lhe permite situar-se no espaço) à narrativa (reforçando o texto, ao complementar com elementos icónicos a estrutura da narrativa, iluminando-a), passando pela simbólica (a interacção entre homem e ave apela à experiência do destinatário, permitindo-lhe entender e aceitar a pluralidade, a diferença) e pela estética (enquanto suporte belo da mensagem literária, para que o destinatário goste e/ou eduque o gosto).

Na capa, o leitor simpatiza de imediato com o olhar enternecido de Henrique, cuja palma da mão sustenta um frágil pardal de uma só pata que retribui o olhar ternurento. Na contracapa, apenas três insectos acompanham a sinopse do texto e um breve comentário, sobre um fundo de discrição tranquila. Essa discrição e esse bucolismo estão igualmente presentes nas guardas do livro, quer pelas cores, quer pela multiplicidade repetitiva de pardais em voo, como se de um papel de embrulho se tratasse. Afinal, esta é uma história que se debruça sobre a melhor oferta do mundo – o investimento na felicidade do Outro, a amizade pura.

Sendo um conto com destinatário infantil preferencial, texto e imagens promovem a formação integral do indivíduo, pelo reconhecimento da potencialidade de desenvolvimento das “inteligências múltiplas” de Howard Gardner, segundo quem a inteligência “*não é um dom unidimensional evidenciado por testes standardizados, mas sim a capacidade de resolver problemas e de realizar produtos em situações concretas.*”

Assim, a criança acede aos seus sentimentos e reconhece as suas emoções perante a fragilidade de um pardal vulnerável (inteligência intrapessoal); a criança compreende e até poderá identificar-se com os sentimentos de Henrique que cuida da ave indefesa (inteligência interpessoal); a criança torna-se sensível aos sons – “piparote” – às estruturas, aos sentidos e às funções das palavras, orientada pela coloquialidade do narrador (inteligência linguística); a criança compreende a organização do meio ambiente, ao reconhecer que um pardal deve ser integrado na sua comunidade natural (inteligência naturalista); a criança, tendencialmente, agirá de acordo com os ensinamentos implícitos na arte de escrever e de ilustrar desta história, protegendo e respeitando o meio ambiente (inteligência existencial).

Deste modo, o conto reúne as três vertentes da literatura infanto-juvenil: a lúdica (o entretenimento pela leitura e pela observação da imagem), a estética (a apreciação da conjugação da linguagem escrita e da linguagem pictórica) e a pedagógica (pelas

reflexões despoletadas pela mensagem literária e visual e pelo desenvolvimento das inteligências múltiplas).

### 3. Semelhanças, Dissemelhanças e... Simbologias

Em «História de Coiote», o narrador é Henrique Gaspar, criança de oito ou nove anos, narrador autodiegético que desvenda, pelo processo de caracterização indirecta, as virtudes de seu pai: homem íntegro, determinado, compreensivo, tolerante, promotor da autonomia e da liberdade de opção, mas também irascível, capaz de insultos e intolerante perante a mentira. Os comportamentos de Francisco Fantasia desnudam as suas facetas inerentes à falta de honra, à ignomínia, à mentira, à hipocrisia, ao materialismo e à tendência para o culto do novo-riquismo. Do mesmo modo, é através do comportamento e dos pensamentos do narrador que o leitor infere a condescendência de Henrique, os seus traços infantis de devaneio e de curiosidade mas também a sua maturidade pela perspicácia e pela lógica dos seus raciocínios dedutivos.

Em *O Grande Voo do Pardal*, Henrique Gaspar é caracterizado por um narrador heterodiegético, como um adulto, muito à imagem e semelhança do pai do conto anterior, igualmente humano e imperfeito mas detentor de qualidades similares como a determinação, a tolerância e a promoção da autonomia, em prol da felicidade do Outro.

Se em «História de Coiote», a vulnerabilidade de Henrique, a criança, se encontra protegida pela presença paterna, em *O Grande Voo do Pardal*, a fragilidade do Pardal encontra abrigo num Henrique Gaspar adulto.

As temáticas abordadas em ambos os contos orientam-se pelos mesmos contornos: a cumplicidade, a determinação, a cooperação, a perseverança e o investimento na felicidade do Outro.

No conto destinado a um público adulto, a breve dissertação sobre a morte surge como uma dissemelhança, assunto de significações e entendimentos mais peníveis, embora abordado também sob a perspectiva de incredulidade e de negação de uma criança. Efectivamente, a narrativa «História de Coiote» evidencia maior densidade quer nas temáticas, quer na utilização de recursos expressivos mais complexos, como a analepse ao serviço do desvendar gradual das causas e efeitos do desaparecimento de Coiote, ou das metáforas que exigem alguma experiência de vida para poderem ser entendidas: "... *lamber as nossas feridas*" (p. 89), quer ainda pela técnica cinematográfica que acompanha a estrutura narrativa.

Ainda assim, a técnica cinematográfica não é descurada no conto destinado ao público infanto-juvenil, desta vez sob a responsabilidade das ilustrações, pela apresentação de grandes planos e pela variedade de perspectivas.

As mensagens dos dois textos são comuns: respeito pela Natureza, valorização da ambiência familiar e um final feliz, juntos livres. As espécies animais seleccionadas não parecem obedecer a critérios arbitrários ou casuais, correspondendo a propósitos relacionados quer com o perfil das personagens, quer com o seu nível etário, quer com as "lições de vida" que necessitam de aprender nesse momento. Henrique, a criança,

necessita de um cão, companheiro de afectos e de brincadeiras, aprendendo com o episódio narrado a lidar com a perda, com a infelicidade mas também com a capacidade de resolver problemas. Henrique, o adulto pragmático, estruturado e organizado, necessita de um pardal para questionar a importância da essência da natureza, para preterir a organização em favor da aceitação da diferença, da tolerância e da liberdade, sobretudo porque precisava de lembrar como a vida é imprevisível e surpreendente e não meramente estruturada. Se Coiote simboliza a entrega incondicional, a afectividade, o companheirismo e a fidelidade caninas, os cães de Fantasia representam o outro lado: a agressividade, a fanfarronice. Na verdade, os traços de Coiote reflectem-se (ou vice-versa) nos donos, bem como os dos cães de Fantasia. Estudos científicos recentes referem que os animais de estimação, pela convivência com o ser humano e por imitação, “adquirem” características dos próprios donos. A literatura, desde sempre, entendeu a relação de proximidade e empatia entre Homem e os animais que, muitas vezes, encarnam metáforas do comportamento humano. O pardal, por seu lado, representa a capacidade de adaptação às consequências da intervenção humana sobre o meio ambiente, ao que talvez não seja alheio o termo científico que o designa como *passer domesticus*, sendo a ave mais amplamente distribuída pelo mundo. Os pardais são aves cosmopolitas e adaptam-se bem, alimentam-se à base de sementes, de frutos e de insectos. Pardais e agricultores são inimigos porque o pardal causa grandes prejuízos nos pomares, nas plantações de cereais e nos jardins. As pessoas, em geral, não gostam muito do pardal, talvez por ser feio, pouco colorido e por ter uma voz monótona. Por vezes, alojam-se debaixo dos telhados, incomodando os moradores. E aqui, entendemos os motivos tão comuns da aversão de Henrique.

O jardim é, indubitavelmente, uma reminiscência autobiográfica da infância da autora: em «História de Coiote», a relva é como um “tapete”, e em *O Grande Voo do Pardal* é como uma “carpete”. A piscina também está presente nos dois contos, como um espelho de serenidade ou sob o efeito perturbador e inquietante do luar. As roseiras, elemento primordial nos dois jardins, simbolizam a beleza da vida mas também as suas adversidades, servindo de pretensoz jazigo a Coiote e de refúgio (iminente jazigo) à fragilidade do Pardal.

Os dois contos apresentam dedicatórias que se relacionam directamente com as vivências da autora. Em «História de Coiote» a dedicatória “*Para Henrique Gaspar, onde quer que esteja.*” revela nostalgia e terá acontecido, provavelmente, aquando da morte do protagonista, visto o seu paradeiro se ter tornado incerto, tanto quanto o é o Paraíso. *O Grande Voo do Pardal* é dedicado às crianças que “animam” e “preenchem” a vida actual das duas autoras.

O título «História de Coiote» encerra um tom enigmático e exótico, podendo ser um título de um capítulo de um manual escolar, criando no leitor uma expectativa de leitura informativa, científica sobre um animal que, na verdade, se desnuda de forma inesperadamente comum. O título *O Grande Voo do Pardal* aponta para a expectativa de aventura fantástica, quando afinal se pretende descrever a grandiosidade do passo natural que um ser “diferente” deve dar rumo à integração, à inserção com direitos iguais na sua comunidade.



Reflectindo sobre a interacção constante que estabelecemos com o Outro (o ser, a Natureza), a premissa é a aceitação dos defeitos, a tolerância às suas e às nossas limitações, de modo a ser possível usufruir do melhor que podemos oferecer e que nos pode, de igual modo, ser oferecido. Afinal, “ninguém é perfeito.”

## Referências bibliográficas

- ▶ Autores de Língua Portuguesa (2003). *Histórias para Ler à Sombra*. Lisboa: Dom Quixote.
- ▶ JORGE, Lúcia e OLIVEIRA, Inês (2007). *O Grande Voo do Pardal*. Lisboa: Dom Quixote.
- ▶ RAMOS, Ana Margarida (2007). *Livros de Palmo e Meio – Reflexões sobre Literatura para a Infância*. Lisboa: Editorial Caminho.
- ▶ RAMOS, Ana Margarida (2005). *As Fábulas e os Bestiários na Literatura de Recepção Infantil*. Forma Breve Separata 3. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- ▶ TAVARES, Clara Ferrão (2007). *Didáctica do Português Língua Materna e Não Materna no Ensino Básico*. Porto: Porto Editora
- ▶ GARDNER, Howard (2003). *Multiple Intelligences After twenty years*. [http:// www.pz.harvard.edu/PIs/HG\\_MI\\_after\\_20-years.pdf](http://www.pz.harvard.edu/PIs/HG_MI_after_20-years.pdf), consultado a 3 de Novembro de 2007.
- ▶ VASCONCELOS, Ana (2007). O Voo de Lúcia Jorge. <http://www.primeirodejaneiro.pt>, consultado a 3 de Novembro de 2007.
- ▶ <http://www.lidiajorge.com>
- ▶ <http://www.dquixote.pt>
- ▶ <http://anaramos.web.pt>
- ▶ <http://www.casadaleitura.org>
- ▶ <http://www.bicharada.net>
- ▶ <http://www.infopedia.pt>